

CIBERTEXTUALIDADES 03

Conhecimento e(m) Hipermédia

Publicação do CECLICO - Centro de Estudos Culturais, da Linguagem e do Comportamento

Universidade Fernando Pessoa



ficha técnica

DIRECTOR

Rui Torres

DIRECTOR-ADJUNTO

Pedro Reis

CONSELHO DE REDACÇÃO

**Rui Torres, Pedro Reis, Pedro Barbosa, Jorge Luiz Antonio,
Luís Carlos Petry e Sérgio Bairon**

COMISSÃO DE HONRA

Maria Augusta Babo

Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Jean-Pierre Balpe

Université de Paris VIII, França

Jay David Bolter

Georgia Tech, Atlanta, E.U.A.

Phillipe Bootz

Université de Paris VIII, França

Claus Clüver

Indiana University, Bloomington, E.U.A.

José Augusto Mourão

Universidade Nova de Lisboa

Winfried Nöth

Universität Kassel, Alemanha

Manuel Portela

Universidade de Coimbra, Portugal

Lúcia Santaella

PUC-São Paulo, Brasil

Alckmar Luiz dos Santos

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alain Vuillemin

Université d'Artois, França

TÍTULO

Revista Cibertextualidades 03 (anual) - 2009

© Universidade Fernando Pessoa

EDIÇÃO

edições UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Praça 9 de Abril, 349 | 4249-004 Porto

edicoes@ufp.pt | www.ufp.pt

DESIGN E IMPRESSÃO

Oficina Gráfica da UFP

ACABAMENTOS

Gráficos Reunidos

DEPÓSITO LEGAL

241 161/06

ISSN

1646-4435

Reservados todos os direitos. Toda a reprodução ou transmissão, por qualquer forma, seja esta mecânica, electrónica, fotocópia, gravação ou qualquer outra, sem a prévia autorização escrita do autor e editor é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.

CIBERTEXTUALIDADES 03

Conhecimento e(m) Hipermédia

Publicação do CECLICO - Centro de Estudos Culturais, da Linguagem e do Comportamento

Universidade Fernando Pessoa

<http://cibertextualidades.ufp.pt>

org. **Rui Torres** e **Sérgio Bairon**

Educar para a leitura em hipermídia: Desafios metodológicos

Fabiano Correa da Silva²⁰

Resumo: O presente artigo busca fazer uma reflexão a respeito do papel da educação e do educador frente às novas tecnologias, por meio da investigação do ato de leitura na hipermídia. Pensar as diferentes e possíveis formas de se ler os mais variados tipos de textos e hipertextos é uma das formas atuais de educar as crianças, jovens e adultos que lidam quase que diariamente com os mais variados recursos tecnológicos. Portanto, o educador, ao contrário do que se possa pensar, não tem sua função menosprezada ou descartada neste momento de mudança que vivemos, mas, ao contrário, é reafirmada sua importância e sua necessidade como formador de sujeitos e cidadãos.

Abstract: The present article aims at reflecting about the role of education and the educator concerning new technologies, by means of investigating the act of reading hypermedia. Considering various possible ways of reading hypertexts of all kinds and forms is a current way of educating children, youths and adults who deal almost daily with the most varied technological resources. Therefore, the educator, contrary to what one can think, does not have his/her function overlooked or discarded at this time of change that we live in, yet it reaffirms his/her importance and necessity as tutor of subjects and citizens.

Introdução

Nos dias de hoje, a palavra “educar” tornou-se discurso comum no nosso cotidiano. A palavra “educação” acabou se distanciando de seu verdadeiro significado, uma vez que a utilização do termo pela maioria das pessoas raramente corresponde a uma clara concepção de seu sentido. Por isso, é natural associá-

-la a noções ou conceitos que, para o senso comum, se tornam termos afins, tais como ensinar, socializar, instruir e aculturar.

Mas qual ou quais sentidos são geralmente atribuídos ao conceito de educação?

Uma das interpretações está centrada na própria ação de ensinar, no sentido de transmitir informação e conhecimento das

20 Fabiano Correa da Silva é doutorando em Ciências da Informação (Universidade Fernando Pessoa, Portugal) e docente na Instituição de Ensino São Francisco, nas Faculdades Integradas Maria Imaculada e na Faculdade Municipal Professor Franco Montoronas, Brasil. Contacto: fabianocosil@hotmail.com

disciplinas escolares. Além disso, podemos pensar também na educação como forma de socialização, no sentido em que “impõe” normas de conduta de “bom comportamento”. Podemos perceber, no entanto, que se trata de duas definições para educação que estão diretamente associadas à sua prática e que, por isso, centram-se em conceitos somente relacionados aos currículos formais. Por outro lado, quando se aproxima de um conceito mais amplo e talvez mais adequado ao verdadeiro sentido de educação, muitas vezes notamos certo distanciamento entre a teoria e a prática.

Pensando em uma perspectiva sociológica, tomamos como exemplo o conceito de educação de Durkheim para quem “a educação consiste numa socialização metódica da nova geração pelas gerações adultas (...) [tendo em vista realizar] um certo ideal de homem (...) [que] é, em certa medida, o mesmo para todos os cidadãos” (*apud* Caria, 1992, p. 3). Ainda segundo o autor, o ensino formal é caracterizado em dois níveis: “a criança encontra-se naturalmente num estado de passividade (...) [porque] a sua vontade ainda é rudimentar (...) [e] o ascendente que o mestre tem, naturalmente, sobre o seu aluno (...) propiciará naturalmente à sua ação o poderio eficaz que lhe é necessário” (Durkheim *apud* Caria, 1992, p. 3).

No entanto, estas considerações não podem ser encaixadas nos dias de hoje, uma vez que contradizem tudo aquilo que é mais valorizado, pelo menos no campo teórico. A

questão do poder atribuído ao professor parece ser coisa do passado. Atualmente, com o advento das novas tecnologias, o papel do educador deve ser repensado com urgência, uma vez que a ação de educar não está mais voltada ou centrada na figura do professor. Isso se torna necessário porque a postura do aluno também mudou, tornando-se sujeito ativo na ação de educar. Assim, essa nova postura exige a busca constante por novas e diferentes estratégias e processos que estimulem a atividade, a heterogeneidade de experiências e rumos de aprendizagem. A educação formal deve, portanto, propor atividades desafiadoras que promovam a descoberta e a construção do conhecimento.

Debrucemo-nos um pouco mais sobre este “aluno-agente”. É importante lembrar que quando pensamos em sujeito ativo, não estamos nos referindo àquelas pessoas que fazem muitas coisas ao mesmo tempo e que apresentam uma atividade considerável. Para Jean Piaget (1976), o sujeito ativo é aquele que compara, exclui, ordena, categoriza, classifica, reformula, comprova, formula hipóteses, em uma ação interiorizada (pensamento) ou em ação efetiva (segundo seu grau de desenvolvimento). Estamos, portanto, falando de um indivíduo que não ocupa mais um mero lugar de espectador, mas sim de alguém capaz de aprender através de suas próprias ações sobre o mundo, na medida em que constrói uma maneira particular de pensar. Essa postura ativa nos leva a pensar sobre a maneira como este sujeito passa a se relacionar com o conhecimento. Ainda

segundo a visão de Piaget, a construção do conhecimento é resultado de um processo de interação, no qual o indivíduo busca entender o mundo que o cerca, bem como as respostas para suas indagações.

Para Jean Piaget há um enfrentamento constante entre o objeto e o sujeito onde o pensamento se organiza para se adaptar ao mundo, mas é nesse mesmo processo de organização que ele o transcende e age no sentido de reestruturá-lo. (Ramos, 1996, p. 4)

Assim, o saber não pode ser visto apenas como algo que é adquirido espontaneamente, nem como algo mecânico, transmitido pelos mais velhos. A interação é algo importante e fundamental para o desenvolvimento amplo de um indivíduo, na medida em que este é concebido como um ser dinâmico que, a todo instante, está dinamicamente envolvido com a realidade, agindo sobre objetos e pessoas. Desta forma, a interação social pode ser vista como algo que favorece a aprendizagem, desde que essas experiências estejam estruturadas de modo a privilegiar a colaboração, a cooperação e o intercâmbio de pontos de vista diferentes na busca do conhecimento que se constrói, não pela agregação ou transmissão de informações, mas sim pela interação com objetos e pessoas do ambiente em que se vive.

Nos dias de hoje, a interatividade é uma das primeiras palavras que vêm à nossa mente quando pensamos no uso de computadores e, em especial, na Internet. O advento das no-

vas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC) e o ciberespaço vão ao encontro das propostas de Piaget, pois, ao favorecerem a interatividade, viabilizam e potencializam o processo de ensino-aprendizagem.

No que diz respeito à relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, Lévy (1995) ressalta que:

A inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas onde interage um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. Não sou 'eu' que sou inteligente, mas 'eu' com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais. (...) O pretense sujeito inteligente nada mais é do que um dos micro atores de uma ecologia cognitiva que o engloba e restringe. (Lévy, 1995, p. 135)

Outra questão para se refletir é que a interatividade, otimizada pelas novas tecnologias, propicia também o exercício da autonomia e da cooperação nos indivíduos, princípios fundamentais para a aprendizagem. Embora o conceito de autonomia no processo de aprendizado não seja de fácil compreensão, uma vez que não existe uma resposta simples sobre como o homem aprende, buscaremos citações que nos levem a um possível entendimento. Vejamos:

Enquanto não se conseguir gerar nas pessoas a capacidade de aprender autônoma e cooperativamente, toda a promessa revolucionária que a tecnologia da Informática gerou (promoção da

inteligência do homem comum, eficiência no setor produtivo e econômico, maior segurança, mais democracia participante), não vai passar de um sonho, e a realidade pode piorar, na medida em que o desenvolvimento tecnológico acentue a distância cultural entre as pessoas. (Ramos, 1996, p. 7)

Assim, não é possível uma autonomia intelectual sem uma autonomia moral, pois ambas se sustentam no respeito mútuo. Além disso, ela está longe de ser relacionada com isolamento, ou seja, com a capacidade de aprender sozinho, pois o pensamento autônomo é paralelo ao surgimento da capacidade de estabelecer relações cooperativas, conforme explica Xavier (2000, p. 44):

Para cooperar o indivíduo precisa compreender o outro, ser capaz de colocar-se no lugar do outro. É preciso que o grupo tenha construído uma escala de valores que realmente seja comum a todos. Esta escala de valores é que permitirá estabelecer acordos conjuntos e objetivos comuns. Mas, para que haja a manutenção dos acordos, é preciso também que o grupo seja capaz de conservar esta escala de valores. Só desta maneira será possível a busca da reciprocidade, que tem como base o respeito mútuo. Fundamentalmente, é a partir do respeito mútuo que a cooperação pode existir.

Outro conceito fundamental para o processo de aprendizagem, segundo Paulo Freire, é a liberdade. O autor a considera como o ponto de partida deste processo, estimulando a criatividade e a curiosidade. Ela é “a pedra fundamental do ser humano. É ela que me

faz perguntar, conhecer, atuar mais, perguntar, re-conhecer” (Freire, 1997, p. 96). Refletindo sobre essas abordagens, percebemos que elas se complementam, na medida em que a autonomia proposta por Piaget necessita da liberdade considerada por Freire. Desta forma, é possível pensar sobre uma cultura educacional que valorize o aluno, permitindo que ele recupere o prazer de aprender e passe a acreditar em suas potencialidades.

Analisando essas propostas, fica claro que a Educação não pode estar centrada somente na figura de um educador ou ainda na simples transmissão de conhecimento. O processo de ensino-aprendizagem ultrapassa os muros da escola e as paredes das salas de aula.

As novas tecnologias, em especial a rede mundial de computadores, ao atestarem esse sentido de interatividade, caminham na mesma direção da convergência e da integração. É o conjunto dessas tecnologias que começa a afetar profundamente a educação, que sempre esteve e ainda parece continuar presa a lugares e tempos determinados.

As questões que envolvem a leitura sempre sucederam grandes trabalhos de pesquisa e acalorados debates entre diversos e inúmeros pesquisadores que têm se dedicado inteiramente a este assunto. As dificuldades na formação de professores para a leitura, os encaixos na valorização do hábito de ler nos mais diversos extratos sociais e culturais, os novos desafios para os educadores que trabalham com a aquisição da linguagem e

a educação infantil, são temas usualmente encontrados no meio científico.

Por outro lado, a leitura, a escrita e a produção de textos são sempre lembradas em uma espécie de autoanálise por parte dos escritores, como é o caso de Clarice Lispector e Umberto Eco, entre tantos outros, e, por este motivo, torna-se uma discussão sempre válida nos meios acadêmicos. Sendo assim, com tantos “problemas” a respeito da leitura e a produção de texto com que nos preocuparmos, eis que aparecem as novas tecnologias e, com elas, os recursos hipermidiáticos, apresentando-nos novos desafios que requerem novas atitudes. No entanto, o que em primeiro momento possa parecer assustador e até mesmo preocupante pode revelar-se como alternativa que venha a contribuir para a possível solução, ou pelo menos amenização de problemas antigos e/ou permanentes.

Num primeiro contato com as novas mídias, parece-nos que os textos produzidos com o auxílio destes recursos hipermidiáticos são simplesmente diferentes de tudo com o que já tivemos contacto. No entanto, pesquisadores desta área, como por exemplo Espen Aarseth, trabalham com a noção de cibertexto, diferente de hipertexto, pois é mais abrangente, envolvendo todas as noções de texto interativo, desde as mais tradicionais até as mais vanguardistas. Em seu livro intitulado *Cybertext: Perspectives on Ergotic Literature* (1997), ele desenvolve uma metodologia de classificação dos mais variados tipos de texto para tentar demonstrar que

[o] cibertexto, portanto, não é uma forma de texto ‘nova’, ‘revolucionária’, com capacidades que só se tornaram possíveis por meio da invenção do computador digital. Nem constitui uma quebra radical com a textualidade à moda antiga, embora fosse fácil fazer parecer que sim. O cibertexto é uma perspectiva acerca de todas as formas de textualidade... (Aarseth, 1997, p. 47)

Neste prisma, podemos começar a tentar pensar sobre a questão da leitura sob um aspecto mais amplo e menos bairrista, que seja capaz de nos ajudar a ampliar os sentidos de um determinado produto textual, ou seja, através de uma postura mais ampla e potencializada do que seja ler um texto, seja ele verbal ou não-verbal. Assim, a grande oferta de informação potencializada pelas novas mídias exige a postura de um leitor mais atento, mais exigente e mais seletivo no que diz respeito aos conteúdos. Afinal, ler com uma pequena oferta de textos é muito diferente do que ler a partir de uma gigantesca quantidade de informações.

O papel do educador no ato de leitura, colocando-se como facilitador (Freire, 1997) na relação de aprendizagem do educando com o mundo, torna-se mais do que nunca fundamental com o surgimento das novas tecnologias, uma vez que não é apenas necessário que haja a máquina e a propagação da informação e da comunicação, mas sim, a educação para a leitura e decodificação dessas, o que cabe ao educador incentivar, propiciar e avaliar em seus aprendizes.

Pensando dessa forma, o uso das NTICs na relação de ensino-aprendizagem retoma o sentido original do termo “educar” (do latim *educare*), significando um “mover para fora o conhecimento (...) [e] [t]ransmitir conhecimentos”, sem podermos esquecer o sentido de “[c]ultivar o espírito; instruir-se, cultivar-se” (Ferreira, 1999, p. 719).

Com a incorporação das novas tecnologias na educação, principalmente das redes que a Internet desenvolveu nos últimos anos, é possível produzir novas situações de aprendizagem, que permitam resgatar a importância da autonomia e da cooperação no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando que os aprendizes sejam verdadeiros atores neste cenário atual, em que a velocidade com que as mudanças ocorrem torna mais difícil a tarefa de prepará-los para o mercado de trabalho e para a vida.

Lévy (1993, p. 7) enfatiza esta idéia, mostrando que o uso das novas tecnologias no cotidiano vem modificando a vida das pessoas, no que diz respeito à comunicação, ao trabalho, ao lazer e até mesmo na maneira de se aprender:

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da Informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada.

As novas tecnologias da informação e da comunicação e o ciberespaço, ao favorecem ao mesmo tempo aprendizagens personalizadas e coletivas, suscitam uma profunda e importante transformação na relação com o saber, uma vez que aumentam o leque de opções, de ferramentas que contribuem para o acesso às informações e ao conhecimento. Além disso, ao romper limites e possibilitar um grau elevadíssimo de interatividade, favorecem a autonomia e a liberdade - dois valores fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem, como já abordamos. Na medida em que aumenta a interação entre os indivíduos, estimula também a cooperação entre eles, potencializando o aprendizado.

Além disso, os ambientes de interação criados por estas novas tecnologias são muito atraentes e desafiam o aprendiz e o motivam a explorar novos recursos, despertando o interesse em aprender, sobretudo de maneira bastante prazerosa. Por outro lado, é triste lembrar que a educação formal ainda resiste ao uso dessas novas tecnologias, que já não podem ser colocadas de forma isolada na vida das pessoas. É preciso relembrar alguns valores e princípios fundamentais da Educação para adotarmos uma nova visão, que nos permita olhar para elas como aliadas, capazes de levar o homem à criticidade, à criatividade, à cooperação e à autonomia, por meio de desafios e situações de grandes descobertas, ou seja, é preciso educar para a leitura com/ em hipermídia.

Referências

- AARSETH, E. J.** (1997). *Cybertext: Perspectives on Ergodic Literature*. Baltimore/London, The Johns Hopkins U P.
- CARIA, T. H. L.** (1992). Perspectiva sociológica sobre o conceito de educação e a diversidade das pedagogias. In: *Sociologia - Problemas e Práticas*, n. 12, pp. 171–184.
- FERREIRA, A. B. de H.** (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira .
- FREIRE, P.** (1997). *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra.
- LÉVY, P.** (1993). *As tecnologias da inteligência - o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- PIAGET, J.** (1976). *A Equilíbrio das Estruturas Cognitivas*. Zahar Editores. Rio de Janeiro.
- RAMOS, E.** (1996). Educação e Informática - reflexões básicas. In: *Periódico GRAF&TEC*, v. 0, n. 0. Florianópolis. pp. 63–81.